



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

MARIA GABRIELA FERREIRA FEITOSA

**PROJETO TERCEIRO TURNO: O QUE ATRAVESSA A ALFABETIZAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE
FORTALEZA (CE)?**

Fortaleza, 2022

MARIA GABRIELA FERREIRA FEITOSA

PROJETO TERCEIRO TURNO: O QUE ATRAVESSA A ALFABETIZAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE
FORTALEZA (CE)?

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação
Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito
para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

FORTALEZA - CE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F336t Feitosa, Maria Gabriela Ferreira.
Terceiro Turno : o que atravessa a alfabetização de mulheres negras na educação de jovens e adultos (eja) de fortaleza? / Maria Gabriela Ferreira Feitosa. – 2022.
22 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.
1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Mulheres negras. 3. Jornalismo. I. Título.
- CDD 070.4
-

MARIA GABRIELA FERREIRA FEITOSA

PROJETO TERCEIRO TURNO: O QUE ATRAVESSA A ALFABETIZAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE
FORTALEZA (CE)?

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação
Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito
para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

Aprovada em: 15/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Rosane da Silva Nunes

M.^a Mayara Carolinne Beserra de Araújo (UFC)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, na verdade, foi quem me defendeu. Ele é um grito em resposta aos descasos e dores pelas quais nós, mulheres negras, ainda somos submetidas. Ele é fruto da Lei de Cotas, por onde entrei na Universidade Federal do Ceará (UFC) ainda muito tímida e intimidada. Ele é resultado da educação pública de qualidade, cotidianamente ameaçada e sufocada. O Terceiro Turno é uma soma de tentativas - às vezes falhas - de encarar o mundo com olhos ancestrais.

Este projeto, mais do que tudo, é uma forma de agradecer Maria de Fátima, minha mãe, por todas as vezes que me ensinou sobre o futuro, sobre coragem, sobre amor e negritude. Ele também é sobre descolonização do saber, sobre o chá que cura a dor da alma, sobre a filosofia de calçada, sobre ouvir com o coração.

O Terceiro Turno é, definitivamente, sobre construir uma emancipação coletiva. Por isso, agradeço, infinitamente, todo mundo que me ajudou a chegar até aqui, e guardo a certeza de que o futuro nos trará lindos pores do sol, abraços calorosos e revoluções nada silenciosas!

À Maria de Fátima, por ser a melhor contadora de histórias que conheço, e por ter me contado a melhor história que conheço: a do futuro. Mãe, você viverá para sempre em minhas palavras pretas!

À João Onofre, meu pai, quem primeiro me apresentou as palavras, das quais me muno agora para dizer: tua pele já enrugada e os olhos de quem muito viveu te fazem lindo e eterno.

À minha irmã, Ana Cláudia, minha referência de liberdade e autenticidade. Ao meu irmão de coração, Claudinho, que tem me ensinado sobre cuidado, proteção e ótimas decorações de festas.

À Eduardo, meu amigo mais antigo que, mesmo conhecendo outra Gabriela, acolhe e celebra minhas mudanças. Obrigada também às minhas amigas Laila, Aline e Thais. Esta última, que voou para o céu em agosto de 2020, é uma referência de coragem e profissionalismo. Sinto tanto tua falta, amiga.

À EEFM Doutor César Cals e todos os colaboradores, amigos e conhecidos, em especial minha panelinha: Mariana, Ranielle, Dyovana, Ana Júlia e Dayane.

Ao coletivo mais famoso e multifacetado deste país (que na verdade é minha outra família): Bonde da Cotinha. Eu jamais seria quem sou hoje se não tivesse conhecido todos vocês.

À William Barros, de quem falo sempre com lágrimas nos olhos e coração pulsando: obrigada por tanto, meu amigo/irmão. Descobri contigo a força do amor regado cotidianamente a muitas canções, cervejas e choro no colo quando necessário.

Lucas D'Paula, por ser esse acontecimento em forma de sagitariano. Obrigada por me ensinar a ter orgulho do que me tornei, por aceitar meus defeitos e por sempre manter a alegria de quem sabe muito da vida (não, isso não é uma brincadeira com seus cabelos brancos).

À Yago Oliveira, pela cumplicidade desde antes da UFC. Te agradeço por ser meu porto seguro quando minha cabeça é só bagunça. Obrigada pelo carinho com minha família e por estarmos construindo a nossa própria família junto ao Bergson Araújo. Berg, que agora é meu vizinho, é também minha referência de resiliência. Morro de orgulho de vocês dois!

À Tainã Maciel, minha companheira de outras vidas. Que maravilha poder contar com teu coração perto de mim. Muito aprendo com tua competência. Assisto daqui teu sucesso e desejo que os sonhos mais profundos se realizem, pois merece.

Mateus Brisa, vamos mudar o mundo juntos? Obrigada pelas nossas utopias, que mais são possíveis que impossíveis. Que delícia viver nesse mundo que tu pinta e borda.

Ao Afetos Periféricos, pela companhia nesses anos de UFC. Ah se os laboratórios do Jornalismo falassem, hein? Orgulho de vocês, Pedro e Marília. Obrigada por tudo e por muito.

Agradeço também a outras companheiras desta jornada: Cindy Damasceno, Catalina Leite, Marcela Tosi, Natali Carvalho, Marília Abreu, Eduarda Porfírio, Thays Maria Salles, Júlia Duarte, Lara Ezequiel. Todas mulheres extraordinárias.

Rafael, meu orientador e colega de viagem: obrigada por sempre ser generoso comigo, mesmo quando eu insistia em não ser. Obrigada pelas orientações terapêuticas, por sonhar comigo este e outros projetos e por ser tão aliado!

Um obrigada imenso e carinhoso à Escola Municipal Adroaldo Teixeira Castelo pelo acolhimento e paciência com essa estudante! Professora Maria de Jesus e as estudantes Patrícia, Francisca e Luciana: serei eternamente grata pelas histórias que ouvi, cafés, lágrimas e sorrisos. Contem comigo!

Por fim, obrigada também a esta Gabriela que escreve, sob lágrimas e sorrisos, sua própria história. Mudei muito e muito ainda mudarei, felizmente. Na verdade, este TCC se defendeu enquanto ele acontecia. Todas as conversas se eternizam nas emoções compartilhadas. É isso

que vale! Que o futuro chegue com mais delicadeza para todas nós. Fecho este ciclo certa de que merecemos também o que é bom!

“As tecnologias ancestrais nós temos
Pra induzir o sonho dentro de um pesadelo
Entre um traçante e outro
Dilatar o tempo e imaginar um mundo novo”

Don L - Primavera

RESUMO

A ideia de educação como direito fundamental é relativamente nova no Brasil. Somente com a Constituição Federal de 1988 é que alguns direitos passaram a ser garantidos, como a universalização do acesso e democratização do ensino público. Quando falamos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), somente em 1996, com a implantação da Lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 37), é que ela ganha algum destaque. O projeto multimídia Terceiro Turno mune-se desse fato para lançar o questionamento: de que formas os recortes raciais, de classe e de gênero modificam o ecossistema da EJA em uma escola no Bairro Pici, em Fortaleza (CE)? Com isso em mente, decidimos investigar as histórias e dinâmicas das salas de aula da Escola Municipal Adroaldo Teixeira Castelo, bairro Pici, com foco no protagonismo de mulheres negras mais velhas. Entre os objetivos do Terceiro Turno estão: investigar o motivo de essas mulheres não terem seguido o curso regular da educação básica; entender os motivos que levaram essas mulheres a procurarem a sala de aula da EJA (seja pela primeira vez ou um retorno) e, por fim, descobrir como funciona a modalidade de ensino oferecida para Jovens e Adultos no Ceará e se ela é eficaz ao que promete: alfabetizar. Para tal, utilizamos as metodologias de grupo focal e bola de neve. O projeto conta com 1 site, 1 webzine e 1 instagram. Jornalismo Posicionado, Decolonial e Literário foram estratégias que sustentaram esta pesquisa, realizada de forma híbrida: presencial quando possível (devido Covid-19) e remota.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, jornalismo posicionado, jornalismo literário, jornalismo decolonial

ABSTRACT

The idea of education as a fundamental right is relatively new in Brazil. Only due Federal Constitution of 1988 is that some rights started to be guaranteed, such as the universalization of access and democratization of public education. When we talk about Youth and Adult Education (EJA), it was only in 1996, with the implementation of Law 9,394 (*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, article 37), that it gained any prominence. The multimedia project called “*Terceiro Turno*” uses this fact to raise the question: In what ways do racial, class and gender aspects modify the EJA ecosystem in a school in the district of PICI, Fortaleza (CE)? With that in mind, we decided to investigate the histories and dynamics of a classroom at the *Escola Adroaldo Teixeira Castelo*, in PICI, focusing on the role of older black women. Among the objectives of the “*Terceiro Turno*” are: investigate the reason for these women not have followed the regular course of basic education; understand the reasons that led that womens to seek the EJA classroom (whether for the first time or a return trip) and, finally, find out how the teaching modality offered to Youth and Adults in Ceará works and if it is effective for what to promises: to alphabetize. To this end, we used focus group and snowball methodologies. The project has 1 website, 1 webzine and 1 instagram profile. Positioned, Decolonial and Literary Journalism were strategies that supported this research, carried out in a hybrid way: face-to-face when possible (due to Covid-19) and remote.

Keywords: youth and adult education, positioned journalism, literary journalism, decolonial journalism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paleta de cores do projeto	18
Figura 2 - Logo do projeto	18
Figura 3 - Capa do site “Terceiro Turno”	19
Figura 4 - Tela do Instagram do projeto	19
Figura 5 - Capa do webzine “É preciso molhar a palavra”	20

SUMÁRIO

1	O Jornalismo e seu papel da descolonização do saber	12
1.1	Velhice e negritude	13
2	Analfabetismo ainda é um problema	14
3.	Suporte adotado	16
4.	Metodologia e Estrutura do Trabalho	16
5.	Terceiro Turno	17
6.	Divisões do site	17
7.	Projeto gráfico	19
4	Referências Bibliográficas	20

1. O Jornalismo e seu papel da descolonização do saber

A Educação no Brasil tem uma trajetória marcada por atrasos e desigualdades. Esse cenário se constrói ainda no período de invasão portuguesa, quando os colonizadores chegam ao território latino-americano (como passou a ser conhecido) e iniciam um processo forçado de modificação da cultura dos povos originários.

Entendendo que essas populações já tinham desenvolvido suas formas de comunicação, socialização e outros marcadores de modos de vida, é possível conceber que há uma ruptura no desenvolvimento desses indivíduos. E, no caso do Brasil, essa ruptura é feita de forma violenta e genocida, com a morte de boa parte dos indígenas que aqui viviam.

A história da educação no Brasil como entendemos hoje começa, então, nesse período, quando os jesuítas resolvem introduzir a língua portuguesa nas comunidades. No entanto, o chamado ensino regular era exclusivo para crianças e jovens da elite, o que já demarca um início desigual para o restante dos habitantes. Já nesse contexto de Brasil Colônia, o fenômeno do analfabetismo começa a tomar forma. Centenas de anos depois, pelo menos 11 milhões de brasileiros são analfabetos, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação divulgada em 2020.

A ideia de educação como direito fundamental é relativamente nova no Brasil. Somente com a Constituição Federal de 1988 é que alguns direitos passaram a ser garantidos, como a universalização do acesso e democratização do ensino público. Até então, o número de matrículas para ensino fundamental, por exemplo, costumava ser baixo. Equalizar a taxa de matrícula na educação infantil e fundamental e diminuir a evasão no ensino médio são um dos desafios dos órgãos educacionais atualmente.

Quando falamos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), somente em 1996, com a implantação da Lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 37), é que ela ganha algum destaque.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto modalidade de Educação Popular apresenta uma trajetória de desafios, principalmente por ser uma alternativa que vem auxiliar a minimizar as discriminações e ajuda na busca de uma sociedade mais justa e menos desigual, a qual resultaria da inclusão do conjunto de brasileiros vítimas da história excludente de nosso país. Porém, essa modalidade de educação, por muito tempo, não se apresentou como prioridade educacional, sendo entendida e tratada apenas como uma política compensatória direcionada a suprir a perda de escolaridade em idade própria. BEZERRA, Elenita. “A Educação de Jovens e Adultos na Terceira Idade”. Pág 09. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba, 2014.

A partir daqui, com o Parecer CEB 11/2000, o Conselho Nacional de Educação regulamentou as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos”. Dessa forma, a EJA passa a ter uma função reparadora e não apenas a de suprir ou compensar escolaridade perdida. O que a modalidade pretende é restaurar um direito negado: o letramento. *“Ou seja, o domínio da leitura e escrita; o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, que antes excluía uma grande soma de brasileiros, e que agora tende a assinalar um projeto de sociedade menos desigual, que promove a cidadania do indivíduo no momento que oportuniza o direito à educação que lhe foi negada”*. BEZERRA, Elenita. “A Educação de Jovens e Adultos na Terceira Idade”. Pág 09.

Nesse sentido, a EJA nasce já com o compromisso de acolher diversos perfis de brasileiros. É o que acontece nas salas de aula hoje em dia: são alunos entre 15 e 102 anos de idade (uma pessoa do Paraná). Conforme Análise da Silva, coordenadora do Comitê Mineiro da Campanha Nacional pelo Direito à Educação e coordenadora do Fórum Mineiro de EJA, em entrevista para esta pesquisa, os motivos que levam indivíduos à EJA variam conforme faixa etária.

As pessoas com mais de 50 anos não tiveram esse direito garantido porque nos lugares em que elas moravam não existiam escolas; ou saem cedo para trabalhar; ou tiveram filhos ou adoeceram e, quando voltaram para escola, não tinha mais como acompanhar os processos de aprendizagem. As pessoas que têm mais de 30 anos tem a ver com a questão de parar de estudar para cuidar de filhos e trabalhar. As pessoas que têm 15 anos ou mais têm um processo muito diferente, porque essas pessoas não foram excluídas da escola, são excluídas na escola. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completou 30 anos de existência, portanto essas pessoas já estavam na escola quando o ECA foi implementado. Parte delas passaram 8 anos e saíram de lá não alfabetizadas e alfabetizadas de maneira precária. São situações distintas para sujeitos diferentes. (Análise da Silva em entrevista no dia 18/02/2021).

1.1 Velhice e negritude

Quando analisamos os dados sobre EJA no Brasil, é possível perceber que boa parte dos estudantes são compostos por idosos. Os dados são graves: 18% daqueles com 60 anos ou mais são analfabetos. Em 2018, eram 18,6% e, em 2016, 20,4%.

As pessoas velhas no Brasil ainda são bastante discriminadas e desacreditadas. Por vezes, é atribuída a elas a noção de “inutilidade” ou até mesmo acontece um processo de infantilização. É certo que fatores como condição econômica, de saúde, moradia, educação, entre outros, ao longo da vida, são responsáveis por uma velhice mais ou menos feliz. Assim, quando falamos de estudantes idosos na EJA, é necessário compreender o fenômeno do envelhecimento no Brasil, uma sociedade capitalista e, portanto, desigual.

A velhice é marcada, principalmente, pelo fator cronológico. A esse respeito, a idade é um dos limites mais contundentes e importantes para se delimitar o início da fase

da velhice, mas é fundamental esclarecer que ela é também social e culturalmente construída, posto que a velhice e os processos de envelhecimento assumem características específicas, além de papéis e significados distintos, de acordo com a sociedade e a época em que são enfocados(...) Além disso, os efeitos da velhice do ponto de vista físico provocam grandes mudanças em suas vidas já que, por serem transformações externas, o corpo estará evidenciando as marcas de sua experiência: MENEZES, Kelly. “Agora é minha vez de ir pra escola!: os desafios na educação para mulheres velhas em um programa de EJA em Fortaleza”. Págs 98, 99. Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2017.

Quando somamos esses fatores, podemos considerar que pessoas velhas na EJA enfrentam obstáculos ainda mais desanimadores, o que podem lhes desmotivar a estarem nesses espaços, como a “dificuldade de memorização, o longo tempo longe dos bancos escolares”. É o que Elenita de Vasconcelos Bezerra elenca em sua pesquisa “A Educação de Jovens e Adultos na terceira idade”. A pedagoga complementa:

Sendo assim o ensino para idosos apresenta algumas especificidades e a sua metodologia precisa ser inclusiva e eficaz. É preciso levar em conta que: essas pessoas já chegam à sala de aula com uma imensa bagagem de vivências e conhecimentos; a velocidade e o ritmo de aprendizagem costumam ser mais lentos em pessoas idosas; às vezes há dificuldades de ordem visual e auditiva, além de problemas de locomoção. Então, para não gerar insegurança e bloqueios essas questões não podem ser desprezadas pelo educador. BEZERRA, Elenita. “A Educação de Jovens e Adultos na Terceira Idade”. Pág 11. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paraíba, 2014.

2. Analfabetismo ainda é um problema

Mesmo com uma leve queda em 2019, o analfabetismo no Brasil ainda é um problema extremamente significativo. O país tem cerca de 11 milhões de pessoas que não leem ou escrevem. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação divulgada em 2020. Conforme pesquisa, a taxa nacional de analfabetismo passou de 6,8%, em 2018, para 6,6%, em 2019. Em 2016, era 7,2%.

De acordo com o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge), pessoas analfabetas são aquelas de 15 anos ou mais que "não são capazes de ler e escrever nem ao menos um bilhete simples" - mesma concepção do Ministério da Educação (MEC). Essas pessoas não seguiram o curso regular de alfabetização por motivos diversos, como necessidade de trabalhar cedo, gravidez na adolescência e até mesmo a falta de escolas e/ou centros educacionais na localidade onde essas pessoas moram, entre outros.

Um outro recorte importante é entender que o fenômeno do analfabetismo atinge com mais força uma parcela bastante específica dos brasileiros: população negra. “Pretos e pardos representam 76,7% da EJA – fundamental e 69,1% da EJA – médio em relação à matrícula

dos alunos com informação de cor/raça declarada. Os alunos declarados como brancos representam 21,1% da EJA – fundamental e 29,5% da EJA – médio”, revela o Censo da Educação Básica 2021.

As questões regionais e etárias também pesam na discussão. A região Nordeste apresenta a maior taxa de analfabetismo (13,9%) e, ainda de acordo com o relatório mais recente da Pnad Contínua, 18% de pessoas com 60 anos ou mais são analfabetos.

O Brasil tem a meta de reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional até 2024. O objetivo está listado no Plano Nacional de Educação (PNA). No entanto, em 2016 ela chegou a 16,6%, ainda distante da porcentagem prevista. Em 2019, houve a formulação do Plano Nacional de Alfabetização (PNE), o que representou uma esperança para o país avançar na temática.

Ao mesmo tempo, em seus primeiros dias de governo, o atual presidente Jair Bolsonaro dissolveu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), responsável pela EJA e outras modalidades, como Educação do Campo e Educação nas Prisões.

A soma dos fatores apresentados sinalizam para questões importantes: que particularidades modelos como a EJA têm no Brasil? Como as desigualdades afetam o aprendizado desses jovens e adultos? Por quê há um aparente desinteresse do Governo Federal em não reconhecer a EJA como uma política pública fundamental para a erradicação do analfabetismo no Brasil?

Dessa forma, é essencial entender como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se construiu no Brasil ao longo dos anos e como o analfabetismo fincou-se como uma fenômeno de exclusão social que fere os direitos de todo indivíduo, já que o não acesso à educação reflete em outras áreas da vida, como moradia, saúde, trabalho.

Ainda pensando nos projetos de extinção de secretarias e outros subsídios da EJA, pesquisas como essa se tornam importante em um cenário político que desmotiva debates sobre uma educação que busca empoderar indivíduos. O resultado disso afeta ainda mais a população trabalhadora, pobre, negra e idosa do Brasil. Falar sobre a estrutura de uma escola com modalidade EJA, seu projeto pedagógico, corpo docente e discente, desafios e esperanças que a escola carrega é dar um passo em direção à liberdade, ainda que não completa.

3. Suporte adotado

O suporte adotado para essa pesquisa é um Projeto de Narrativa Transmídia. A escolha acontece por entender que ele vai conseguir dar conta dos desdobramentos que o tema apresenta, sejam questões técnicas ou editoriais. Um outro motivo é que a narrativa transmídia enriquece a forma como contamos as histórias e fornece a possibilidade de explorarmos novos horizontes, pensar fora da caixa (ou estar em todos os lugares dela). Henry Jenkins, um dos autores mais requisitados do tema, em seu livro *Convergence Culture* (2006), conceitua narrativa transmídia como uma história expandida e dividida em várias partes, distribuídas em diversas mídias. A ideia é escolher qual mídia conta melhor aquela parte da história.

Dessa forma, foram escolhidas três mídias principais: um website, materiais audiovisuais e um webzine. O site concentra o conteúdo mais "jornalístico" do projeto, como reportagens sobre a EJA (o que é, como funciona, qual a pedagogia aplicada nas salas de aula, quais os gargalos dessa modalidade), assim como outros tópicos referentes à educação brasileira. Os audiovisuais contam a história de três mulheres protagonistas do projeto. Objetivo é compreender como/se o retorno ao EJA (ou a ida pela primeira vez) ressignifica suas vivências. Já o webzine concentra a parte mais sensível e literária do projeto, trazendo discussões sobre negritude, velhice, etc. No espaço, serão mostrados objetos, fotografias e outros recursos que conversam com essa etapa de vida das alunas.

Os três momentos do projeto se entrelaçam. A ideia é que a/o leitora/o possa entender a pesquisa consultando cada mídia ou as três juntas. Por isso, recursos como QR Code para levar a pessoa leitora do webzine para o site foi utilizado.

A pesquisa contou com colaboradores em alguns momentos, como edição de imagens e programação do site.

4. Metodologia e Estrutura do Trabalho

Após realizar pré entrevistas sobre o tema da Educação de Jovens e Adultos (EJA), selecionamos as escolas cotadas para o trabalho. Após contatar ao menos seis, a visita na Adroaldo Teixeira foi a mais assertiva.

Devido a pandemia da Covid-19, as aulas presenciais retornaram em setembro de 2021 na escola. Assim, as visitas e conversas puderam ser presenciais. Acompanhar aulas, observar o espaço e sondar possíveis personagens foram os primeiros passos da visita.

A decisão por trabalhar somente com uma escola com a modalidade EJA aconteceu por questões de logística e segurança. Como passei a maior parte do tempo sozinha, precisava

de um espaço que me reconhecesse e pudesse me sentir minimamente segura. Assim, o desafio tornou-se imergir de vez na Adroaldo.

Já com tempo de visita na escola, realizei um grupo focal com estudantes do segmento 2. Este foi o meu segmento de mais interesse, pois estavam alocadas alunas mais velhas. Após esse primeiro momento, selecionei as protagonistas de mais interesse, entendendo que minha leitura de negritude estava atuante no momento.

5. Terceiro Turno

O nome do projeto nasceu durante uma reunião remota do Fórum Cearense de EJA. “Terceiro Turno” diz respeito ao terceiro “expediente” que as estudantes fazem na escola. Muitas delas trabalham durante o dia, cuidam de suas famílias, têm outros compromissos. Ainda assim, a partir das 18h, dedicam sua noite à escola.

Como dito acima, este trabalho se divide em três partes principais: um site, um webzine e uso da rede social Instagram como agregadora dos bastidores do trabalho. O site (<https://terceiroturno.jor.br/>) é o “hub” do projeto, onde é possível navegar pelos audiovisuais, dados, histórias e problematizações.

6. Divisões do site

O site Terceiro Turno é dividido nas sessões “Eja no Brasil tem recorte racial”, “A nossa vida começa pela raiz”, “Por que voltar a estudar?” e “Querem fechar turmas da EJA”. Abaixo, ficam os espaços dos audiovisuais: 3 vídeos curtos, “pílulas”, contando as histórias de três estudantes da Adroaldo.

“Eja no Brasil tem recorte racial”: aqui, discutimos, de fato, como a desigualdade racial no Brasil afeta a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

“A nossa vida começa pela raiz”: espaço dedicado a discussão sobre Filosofia Africana, conceito importante para o trabalho e que guiou toda sua concepção.

“Por que voltar a estudar?”: pergunta feita repentinamente, a ideia dessa matéria é falar sobre os desafios que uma pessoa mais velha encontra ao voltar para a sala de aula.

“Querem fechar turmas da EJA”: provocação sobre o fechamento de turmas denunciadas por professores durante a pesquisa.

Um pouco mais abaixo está embedado o Instagram do projeto (@terceiroturno.jor), onde é possível navegar por partes do projeto que não foram apresentadas nos outros

momentos. Por último, a pessoa leitora vai ter acesso ao webzine do projeto, o “É preciso molhar a palavra”, que também foi distribuído de forma física na escola.

Todo o grafismo foi pensado de forma que as informações apareçam de forma simples e enxuta, por entender que o público do Terceiro Turno precisa de uma experiência facilitada. Portanto, cores que lembram a “noite” (já que as aulas da EJA acontecem a partir das 18h), e tons em amarelo, marrom, verde e vermelho foram os escolhidos.



Black #000000



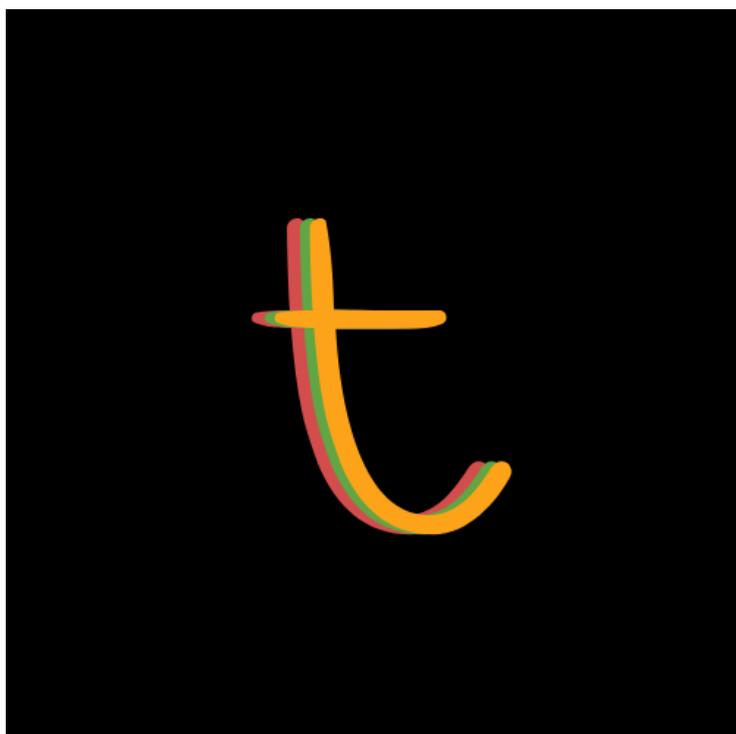
green #61a644



red#d44d4d



peach #ffdb59



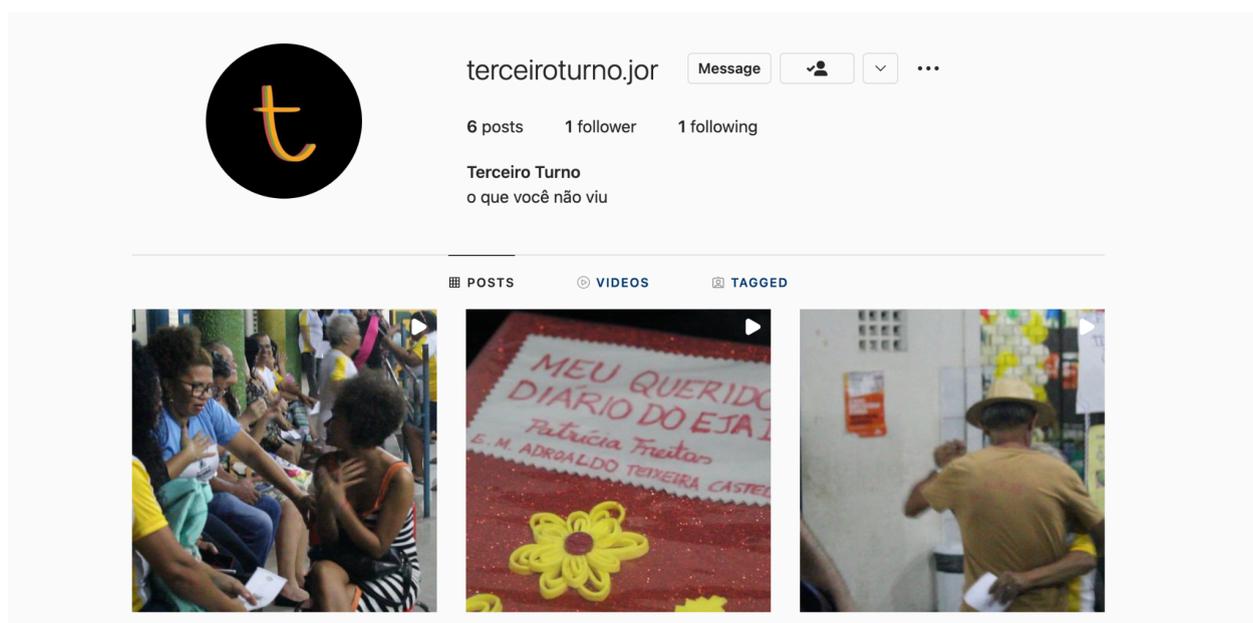
Logo do projeto: o “T”, de forma simples, faz referência ao nome do projeto, sendo 3 “Ts” por causa dos três turnos.

7. Projeto gráfico

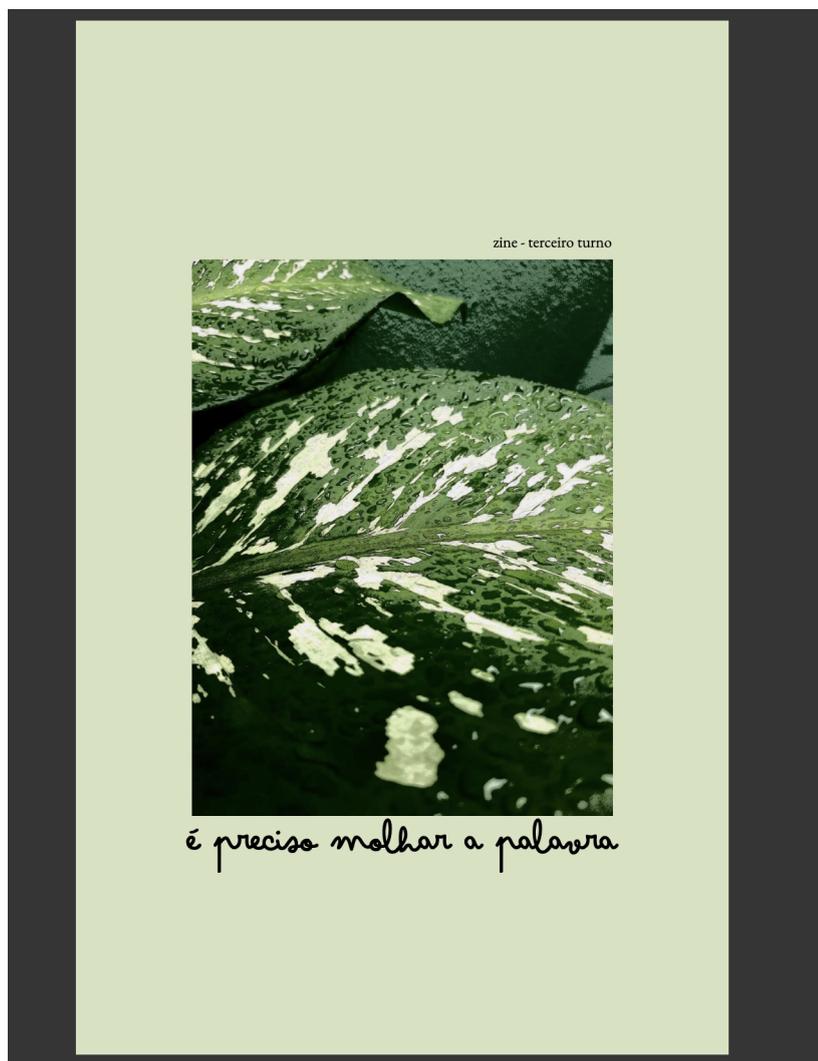
6.1 Site:



6.2 Instagram:



6.3 Webzine:



Confira o trabalho:

Site: [Terceiro Turno](#)

Webzine: [É preciso molhar a palavra](#)

YouTube

[Instagram](#)

Referências

BEZERRA, Elenita. “A Educação de Jovens e Adultos na Terceira Idade”. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). 45 páginas. Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para obtenção do grau de Pedagogo, da Universidade Federal da Paraíba. Aprovado em 21 de Agosto de 2014.

IBGE - Educa/ Jovens. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação divulgada em 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em 03/03/2020.

MENEZES, Kelly. “Agora é minha vez de ir pra escola!: os desafios na educação para mulheres velhas em um programa de EJA em Fortaleza”. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2017.

MACHADO, Maria. "A educação de jovens e adultos Após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996". Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

Pedagogia ao pé da letra. Histórico da EJA no Brasil. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/historico-da-eja-no-brasil/>. Acesso em 01/03/2021.

TOKARNIA, Mariana. "Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever". Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em 17/11/2020.